

Estratégias discursivas utilizadas em títulos de notícias para orientar o olhar de leitores

Discursive strategies used in news headlines to guide the gaze of the readers

Geraldo Emanuel de Abreu Silva¹
Universidade Federal da Paraíba - UFPB
gemabreu@gmail.com

RESUMO: O amplo acesso a canais de informação faz com que as pessoas sejam bombardeadas, diariamente, por informações vindas de diversas fontes, sejam jornais impressos, digitais, redes sociais ou pela “boca a boca”. Tornou-se frequente, apenas a partir da leitura de títulos das notícias, que pessoas repassem informações para outras pessoas sem elaborar uma leitura completa do texto informativo ou verificar as fontes. Em vista disso, os enunciadores utilizam estratégias discursivas para manipular a leitura do público a partir da elaboração de títulos atrativos que, a rigor, deveriam ser imparciais e, no entanto, não o são devido à dimensão argumentativa que perpassa qualquer interação que envolva a linguagem. Desta forma, este trabalho visa a analisar como as estratégias de enquadramento pela tematização e designação exploram as memórias de curto e longo prazo dos indivíduos para orientar sua leitura em direção a determinado viés. Após revisão bibliográfica, a análise de três títulos sobre o mesmo tema, a imigração de venezuelanos para o Brasil, foi proposta de modo a permitir que as teorias sejam aplicadas na prática. Através dessa análise, pôde-se observar que, de fato, os enunciadores utilizam estratégias para manipular a leitura de seu público e fazê-lo afiliar-se a determinada ideologia, o que ficou evidenciado por índices discursivos encontrados nos títulos analisados.

Palavras-chave: Manipulação; Dimensão argumentativa; Memórias de longo e curto prazo; Enquadramentos.

ABSTRACT: The huge access to the information channels means that people receive daily information from multiple and different sources, as print, digital, social media or word of mouth. It has become common, just from reading news headlines, for people to relay information to other people without making a full reading of the informational text or checking the sources. Given this, the enunciators use discursive strategies to manipulate the reading of the audience from the elaboration of attractive titles that, in theory, should be impartial, however they are not due to the argumentative dimension that permeates all interaction involving language. In this way, this work aims to analyze how framing strategies by thematization and designation explore the short and long-term memories of individuals to guide their reading towards a certain bias. After a bibliographic review, the analysis of three titles on the same topic, the immigration of Venezuelans to Brazil, was proposed to allow the practical application of the theories. Through this analysis, it was possible to observe that, in fact, the enunciators use strategies to manipulate the reading of their audience and make

¹ Doutor em estudos linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor do CCAE - Departamento de Letras da Universidade Federal da Paraíba.

them adhere to a certain ideology, which was evidenced by the discursive indices found in the analyzed titles.

Keywords: Manipulation; Argumentative dimension; Long and short term memories; Frameworks.

Visadas argumentativas e dimensão argumentativas: primeiras reflexões

A função principal de textos informativos é fazer as pessoas tomarem ciência sobre algo, ou seja, informar. No entanto, a tarefa de fazer saber não é tão simples e, tampouco, se desenvolve de maneira neutra ou não estratégica, visto que todo texto jornalístico traz consigo intenções e objetivos explícitos e implícitos. Quando explícitos, caracterizam-se como textos opinativos, por vezes, persuasivos, e possuem **visadas argumentativas**. Quando implícitos, em geral, são textos que não devem expressar qualquer caráter subjetivo, tais como as notícias, e possuem a **dimensão argumentativa**. Dentro do espectro da dimensão argumentativa, há diversas estratégias das quais os enunciadores lançam mão com vistas a atuar de maneira silenciosa e sutil sobre as crenças, atitudes, visões de mundo etc. de seus leitores. Tal atuação, quando feita sem conhecimento do público alvo, será definida como manipulação (CHARADEAU, 2015; VAN DIJK, 2009). Textos informativos são produzidos para serem lidos, portanto, necessitam ser construídos de forma a chamar a atenção dos leitores, e a forma mais usual é através de títulos convidativos que, em geral, devem antecipar de forma concisa o conteúdo que será tratado. Como dito, os textos atuam sobre seus leitores e, dessa forma, seus títulos também atuam a partir de concepções das pessoas que, muitas vezes, leem apenas os títulos de uma notícia e, a partir de sentidos comuns, acreditam conhecer todo o teor do texto. Isto é sabido por seus enunciadores que podem utilizá-lo para ativar conhecimentos supostos do público e desta forma manipulá-los.

Isto posto, este trabalho visa a analisar como os títulos de notícias, por meio da tematização e das designações, podem ser utilizados para manipular os leitores. Para tanto, faremos uma revisão bibliográfica que objetiva entender como o arcabouço de conhecimentos do público é acionado de forma a levá-lo a engendrar-se pela leitura que o enunciador propõe. Busca-se demonstrar que os enquadramentos pela tematização e pela designação (EMEDIATO, 2013) são duas das estratégias mais importantes na intenção de manipular, porém, não ocorrem sem que sejam exploradas as memórias de curto e longo prazo dos leitores. Propomos também a análise de três títulos de notícias para exemplificar de maneira prática as relações entre os enquadramentos e as memórias sociais.

Orientação do olhar e dimensão argumentativa

Em 2007, Amossy afirmava que, de alguma maneira, todo ato de fala exerce influências e, desta forma, atua sobre maneiras de ver e de pensar das pessoas. A autora reitera que há textos que possuem vieses persuasivos explícitos que buscam convencer de forma flagrante seu público, por exemplo, publicidades e programas políticos, ou seja, apresentam uma orientação argumentativa (AMOSSY, 2007, p. 122).

Por outro lado, há textos que, *a priori*, são elaborados para serem imparciais, neutros e sem vieses ideológicos, tais como documentos oficiais e textos jornalísticos informativos, porém nenhum uso da linguagem é neutro, logo, qualquer texto possui ideologias e atuam sobre seus leitores. No caso de textos informativos, ainda que exista o princípio da imparcialidade, os autores agem sobre as crenças e modos de interpretar o mundo de seu leitorado, logo podemos entender a existência de uma dimensão argumentativa (AMOSSY, 2007), ou seja, nesta dimensão encontram-se diversas estratégias (por isso pensar em espectros da dimensão argumentativa seja profícuo) que orientam o olhar do leitor em uma direção e não em outra, geralmente a direção proposta pelo enunciador e a instituição que ele representa.

Os jornais, impressos e digitais, são veículos comerciais que devem atrair o público para seus textos, e uma maneira eficaz para fazê-lo é construindo títulos atrativos que captem a atenção do leitorado. Neles, o enunciador deve apontar, de maneira breve, os pontos chave que abordará e, ao mesmo tempo, deve fazer com que seu público se sinta atraído para o texto. Essas não são as únicas tarefas que o enunciador visa ao produzir um título ou subtítulo, ele também busca orientar o olhar do leitor para determinado tipo de leitura sem que esse se dê conta, ou seja, os títulos carregam dimensões argumentativas com vistas a manipular o público, e isso é o que abordaremos neste trabalho.

Manipulação

É importante explicitar o que, neste trabalho, considera-se como manipulação. Baseando-nos em Charaudeau (2013) e van Dijk (2009), compreendemos que a manipulação é uma prática discursiva sutil na qual uma pessoa ou instituição busca exercer controle, fazendo acreditar, atuar ou agir de determinada maneira sobre outros indivíduos sem que esses percebam, por isso podemos afirmar que a manipulação se exerce por meio da dimensão argumentativa dos discursos. Para van Dijk (2009), isso configura-se como uma relação de

“abuso de poder” visto que o manipulador busca beneficiar-se sutilmente do manipulado por meio do discurso. Por que abuso de poder? Em geral, os manipuladores (pessoas ou instituições), têm acesso a recursos limitados a uma pequena parcela da população, tais como: meios de comunicação, contatos políticos, melhores níveis educacionais, instrumentais técnicos, material humano etc.

Tais recursos representam formas de poder simbólicos e são utilizados por grupos dominantes para manter a reprodução secular de poder, *o status quo*, e, conseqüentemente, explorá-los para beneficiar determinados grupos em prejuízo de outros, logo pode ser considerado como um abuso de poder simbólico.

Esto significa que la manipulación [...] es una práctica social ilegítima y, por ello, transgrede las reglas o normas sociales. Definimos como ilegítima toda forma de interacción, comunicación u otras prácticas sociales que sólo favorecen los intereses de una de las partes y perjudican los intereses de los receptores (VAN DIJK, 2009, p. 355)².

A manipulação ocorre de maneira a favorecer apenas um dos envolvidos numa relação discursiva, em geral grupos poderosos, e deve ser entendida como uma transgressão à ética social, visto que prejudicam grupos manipulados sem que estes percebam.

As instâncias midiáticas também sofrem manipulação por fatores internos e externos, os primeiros, por exemplo, podem controlar o que e quando informar segundo os interesses do próprio veículo. Os fatores externos se relacionam às forças comerciais (patrocínios e anunciantes) e concorrência com outros meios, forças políticas (apoio a determinado político ou pressão para fazê-lo), religiões (no Brasil diversos meios de comunicação são posse de proprietários de igrejas). Logo, fica claro que a manipulação não se dá apenas do jornal para o leitor, ela também ocorre em direção ao próprio jornal, partindo de grupos ainda mais poderosos.

Para encerrar o tema, destacamos que a manipulação não ocorre de maneira simples, rápida ou sempre é efetiva, visto que é necessário que o veículo se atenha a algumas bases para alcançar seu objetivo, como apontamos, a seguir.

O primeiro deles consiste em basear-se em verdades, mas, não necessariamente, em toda a verdade dos fatos, pois caso o público perceba que foi vítima de mentiras a relação entre

² Isto significa que a manipulação [...] é uma prática social ilegítima e, por isso, transgrede as regras ou normas sociais. Definimos como ilegítima toda forma de interação, comunicação ou outras práticas sociais que só favorecem os interesses de uma das partes e prejudicam os interesses dos receptores (VAN DIJK, 2009, p. 355, tradução nossa).

manipulador e manipulado será rompida. A partir disso, busca-se atrair o público em direção ao seu ponto de vista ativando sentidos comuns, tocando a ética cidadã, e informar ocultando, selecionando ou deformando informações. A questão que surge é: como os sujeitos comunicantes podem conseguir atender a todas essas demandas apenas a partir de títulos? Vejamos algumas das teorias que podem responder a esse questionamento.

Os enquadramentos e as memórias

Vimos que a manipulação é uma prática discursiva que demanda interação entre manipulador e manipulado para ser efetivada e, em textos, é na dimensão argumentativa que ela está abrigada. Nesta seção, elabora-se um panorama sobre as estratégias de enquadramento pela tematização e designação (EMEDIATO, 2013) de modo a observar sua relação com a exploração de sentidos comuns que estão armazenados nas memórias das pessoas. Essas memórias, sob nosso ponto de vista, são compostas por pacotes de representações sociais que são depositados nas memórias de curto e longo prazo, ou seja, defendemos que os enquadramentos funcionam através da exploração desses pacotes de representação (dos quais fazem parte representações estereotipadas, sentidos comuns, preconceitos, credos, por exemplo), portanto desprende-se que há uma relação direta entre o funcionamento das operações de enquadramento, a exploração das memórias e a manipulação. Para o autor, existe um fundo de representações simbólicas que produzem efeitos de sentido conforme o contexto imediato de uso do discurso: “[os enquadramentos] visam ativar na memória do leitor conteúdos e valores simbólicos e associá-los ao enquadramento efetuado” (EMEDIATO, 2013, p. 80).

Sob o ponto de vista deste artigo, essas representações simbólicas se caracterizam como as memórias de longo e curto prazo dos indivíduos, pois é nelas que nossos pacotes de conhecimentos socioculturais e de mundo são armazenados, tais como representações sociais, afiliações ideológicas, conhecimentos lexicais, matemáticos, geográficos, políticos, concepções estereotipadas sobre determinado tema etc. é, justamente, sobre esses conhecimentos socioculturais que os enquadramentos devem atuar para que o enunciador seja exitoso em sua tarefa manipulativa.

Os enquadramentos pela tematização e designação

De forma resumida, as estratégias de enquadramento são esquematizações feitas para abordar determinado tema de modo que possam orientar/guiar/manipular o olhar do público segundo uma posição que se deseje, assim os enquadramentos permitem estabelecer discussões através da **tematização**, da **designação**, dos **verbos de atitude** e do **questionamento**, destacamos que tratamos apenas esses quatro enquadramentos para as discussões buscadas neste artigo. Emediato (2013) explicita essas quatro operações de enquadramento, como destacado anteriormente, no entanto, neste trabalho, nos debruçamos apenas sobre as duas primeiras. As estratégias de enquadramento fazem parte da dimensão argumentativa no sentido em que são utilizadas para agir sobre o outro de forma implícita e sutil, por exemplo, dizendo algo de uma forma e não de outra, utilizando uma palavra específica e não outra, destacando uma informação em detrimento de outra etc., o que permite ao enunciador fazer com que seu leitorado se afilie a determinado viés sem que se dê conta.

O enquadramento pela tematização, segundo Emediato (2013, p. 82), “abre caminho para a problematização e para a construção de pontos de vista sobre o assunto”, com essa estratégia o enunciador se vale de representações socioculturais de seu público para levá-lo a problematizar sobre determinado tema, segundo determinadas representações simbólicas, muitas vezes estereotipadas e/ou preconceituosas, em outras palavras o autor explora o fundo de memórias de seu público e, em vista disso, determina as perspectivas nas quais o leitor deverá engendrar-se. Em geral, essas se basearão em consensos supostos que servem para que o autor toque seu público de alguma maneira, e esse, conseqüentemente, afilia-se à perspectiva do autor.

O enquadramento por designação ocorre quando o locutor-relator se manifesta impondo atributos aos seres e fazem circular pontos de vista subjetivos através da atribuição (EMEDIATO, 2013). Essas designações ocorrem através do uso de nomes comuns que se referem a grupos sociais amplos (políticos, nordestinos, lavadores de carros, professores, gays, presidiários etc.), para o autor esse tipo de enquadramento pode implicar raciocínios indutivos em relação à classe designada e, ao mesmo tempo, produzir relações causais preconceituosas e estereotipadas, que podem tornar-se simbólicas segundo o uso designativo do locutor-relator. Em suma, para que o enunciador toque esses raciocínios indutivos, é necessário que o fundo de memórias do leitor seja explorado. Vejamos, a seguir, o que são esses fundos de memórias e como eles estão relacionados ao funcionamento dos enquadramentos.

Memórias de curto e longo prazo

Diversos autores propõem que o armazenamento dos conhecimentos socioculturais, ou os fundos de memórias como foi tratado por Emediato (2013), ocorre em dois tipos de memória, a de curto prazo (ou memória de trabalho) e a de longo prazo (ou memória episódica) (TRABASSO e MAGLIANO, 1996; LEÓN, 2003; VAN DIJK, 2009; ESCUDERO, 2010). A primeira tem capacidade limitada de armazenamento e, devido a sua baixa capacidade de recursos, limita de maneira direta a quantidade de conhecimentos ativados durante seu uso. Em geral, ela é responsável pelo processamento de informações imediatas de um texto verbal ou oral, basicamente, segundo van Dijk (2009, p. 358), ela é responsável pela compreensão “*de palabras, cláusulas, oraciones, enunciados y señales no verbales*”, ainda segundo esse autor a MCP permite elaborar raciocínios rápidos através de atalhos cognitivos de modo a evitar reflexões mais completas, complexas e, conseqüentemente, parciais e superficiais.

Em vista disso, baseando-nos em van Dijk (2009), um enunciador que queira manipular seu leitor através da exploração da MCP deve construir seus títulos baseando-se nos seguintes tópicos:

- vocabulários mais simples e populares: “Ceia de Natal fica mais ‘salgada’, segundo pesquisa” (O Tempo - 26/11/2018)³;
- utilização de palavras cuja carga semântica afete a ética cidadã do leitor: “cerca de 70% dos casos de desvio de dinheiro ocorrem nas áreas de educação e saúde, diz diretor da AGU” (O Globo – 16/07/2011)⁴ em vez de “... roubo de dinheiro público ocorrem nas áreas de educação e saúde...”
- destaque (no primeiro plano, em caixa alta, negrito ou dois pontos) da informação que deseja que o leitor se fixe: “Gênero e sexualidade: entenda a polêmica que opõe pais e o Colégio Santo Agostinho” (Estado de Minas – 27/11/2018)⁵
- escrever em início de frases (primeiro plano) informações menos relevantes de modo a prejudicar a ativação de pacotes mais relevantes: “Desemprego diminui para 12,1% e atinge 12,7 milhões de brasileiros”⁶ (Isto é – 28/09/2018);

O autor destaca que isso não ocorre apenas nas relações de manipulação, mas sim em várias em relações discursivas cotidianas o que diferencia o uso desses tópicos é a base estratégica que

³ Link de acesso: <https://goo.gl/utQ8Jx> (acesso em: 27 nov. 2018).

⁴ Link de acesso: <https://goo.gl/AgfXiF> (acesso em: 27 nov. 2018).

⁵ Link de acesso: <https://goo.gl/F3XCCU> (acesso em: 27 nov. 2018).

⁶ Link de acesso: <https://goo.gl/Qumptk> (acesso em: 27 nov. 2018).

consiste em usá-los para orientar o olhar para um lado e não para outro. Para van Dijk (2009, p. 56),

Lo que queremos señalar aquí es que rasgos específicos del texto oral o escrito — tales como su representación visual— pueden específicamente afectar al control de la comprensión estratégica en la MCP, de modo que los lectores presten más atención a cierta información que a otra.

Nos exemplos dados acima, podemos observar como a tematização tem papel importante para mover o leitor na direção que o enunciador deseja. No primeiro exemplo, a palavra “salgada” visa a levar o leitor a problematizar sobre o aumento de preços dos produtos utilizados nas ceias de natal, isso é dado a partir da exploração da memória social do leitor brasileiro que sabe que aquela palavra é utilizada no sentido figurado para falar sobre a inflação.

O segundo exemplo mostra como a escolha lexical diminui o peso do acontecimento, uma vez que opta por utilizar “desvio” em vez de “roubo” o enunciador reduz a gravidade dos atos ilícitos e, conseqüentemente, leva seu público a percebê-los sob seu viés. No último exemplo, a informação de que o desemprego diminui, trazida em um primeiro plano, mitiga a informação sobre os milhões de brasileiros que seguem desempregados. Reparemos que, se fizermos um exercício de inversão das orações, os efeitos de sentidos podem ser diferentes.

Na memória de longo prazo, estão armazenados os pacotes mais antigos e cristalizados dos indivíduos, esses são mais estáveis e complexos, ademais permitem reflexões mais completas, complexas e que não ocorrem de forma imediata. Na MLP estão armazenadas nossas lembranças pessoais, lembranças de eventos comunicativos significativos, experiências pessoais, crenças sociais etc. (van Dijk, 2009) que moldam as atitudes e ideologias dos sujeitos. É na memória de longo prazo que estão presentes as ideologias que compartilham determinados grupos, como esquerdistas, direitistas, feministas, sindicalistas, religiosos ou ateus. De acordo com o autor, “estas representaciones sociales se adquieren gradualmente a lo largo de la vida, y si bien pueden cambiar, normalmente no lo hacen de un día para otro” (van Dijk, 2009). Portanto, uma manipulação baseada na MLP não poderá focar em significados de palavras ou no destaque de determinados termos, mas sim em explorar pacotes de conhecimentos que estejam ligados a opiniões pessoais, à ética e às emoções dos leitores. Portanto, através da manipulação da MPL é possível influenciar “conocimientos abstractos más generales, como saberes, actitudes e ideologias” (van Dijk, 2009, p. 363).

Em vista disso, baseado van Dijk (2009), um enunciador que queira manipular seu leitor através da exploração da MCP deve focar em grupos sociais amplos e não em indivíduos específicos, logo, deve explorar os seguintes tópicos na construção de títulos:

- Utilização de termos cuja historicidade implique estereótipos e/ou preconceitos de determinados grupos: “Eduardo Bolsonaro propõe congelamento de bens de cubanos e venezuelanos”⁷ (Fórum – 26/11/2018);
- Generalização de determinado tema - fazer com que exceções sejam vistas como regras: “Punição de menor por crime dura menos tempo no Brasil”⁸ (O Globo – 06/05/2013)
- Repetição de determinados acontecimentos e ocultação de outros: “Menores têm ligação com 40% dos homicídios do DF, mostram dados”⁹ (G1 – 21/04/2016) em detrimento de: “Mito: os adolescentes cometem menos de 1% dos homicídios do Brasil e são 36% das vítimas”¹⁰ (Veja – 11/02/2017);
 - Tocar a emoção e/ou a ética de determinados grupos sociais: “Feministas brasileiras comemoram decisão sobre aborto na Argentina”¹¹ (O Globo – 14/06/2018);
 - Expor fatos de modo que pareçam benéficos para a sociedade: “Trabalho informal aparece como saída ao desemprego”¹² – (O Imparcial – 11/02/2018);

Antes de mais nada, os exemplos dados nos mostram que os títulos têm construção (tanto lexical quanto histórico-discursiva) mais complexa, o que demanda maior reflexão do leitor, leituras mais demoradas e aprofundadas, além de pré-selecionar seu público alvo. Por exemplo, a notícia que relaciona as feministas brasileiras com a decisão na Argentina sobre aborto, exige que o leitorado reflita sobre os porquês dessa relação estabelecida pelo enunciador, ademais a designação de um grupo social como “feministas” não é feita ao acaso e pode levar o público a acionar simbolismos sociais preconcebidos.

Seguindo a linha da designação, vemos que a maioria dos títulos se constrói sobre ela, como “cubanos e venezuelanos”, “menores” e “feministas” o que toca inúmeras representações sociais do leitorado sobre esses grupos sociais. Por exemplo, no Brasil, os gentílicos cubano e venezuelano estão sendo ligados à sistemas de governo extremistas e ditatoriais o que tem levado a ataques violentos e episódios de xenofobia contra esses povos.

⁷ Link de acesso: <https://goo.gl/SEBq44> (acesso em: 27 nov. 2018).

⁸ Link de acesso: <https://goo.gl/MP5V9b> (acesso em: 27 nov. 2018).

⁹ Link de acesso: <https://goo.gl/abcV45> (acesso em: 27 nov. 2018).

¹⁰ Link de acesso: <https://goo.gl/E1mnQd> (acesso em: 27 nov. 2018).

¹¹ Link de acesso: <https://goo.gl/6rHK72> (acesso em: 27 nov. 2018).

¹² Link de acesso: <https://goo.gl/MDVreC> (acesso em: 27 nov. 2018).

Por fim, cabe destacar que o exercício manipulativo feito nesses títulos são mais complexos e ocorrem paulatinamente, ou seja, seus resultados serão percebidos em longo prazo em uma sociedade, visto que é um trabalho de (re)construção ideológica mais moroso, porém mais efetivo, duradouro e danoso.

É importante dizer que a divisão feita anteriormente tem caráter didático, sendo difícil separar, no momento da leitura, o tipo de memória acionado ou definir se, de fato, os enquadramentos alcançarão seus objetivos. No entanto, insistimos em fazê-la para propor um modelo que permita compreender a integração entre os enquadramentos e as memórias.

A seguir, propomos uma análise de três títulos de notícias, baseada nas teorias vistas anteriormente. O objetivo principal é observar como a estruturação de um título pode orientar o olhar de leitores para uma direção de modo a manipulá-los.

Proposta de análise de títulos

Esta seção tem caráter prático, na qual busca-se elaborar a análise de três títulos de notícias com foco nos enquadramentos pela tematização e designação, discutindo quais as memórias podem ser ativadas para que a leitura do público alvo seja orientada na direção que deseja o enunciador, o que, como discutido anteriormente, pode levar à manipulação dos indivíduos envolvidos nessas práticas discursivas.

Foram selecionados três títulos de notícias, de jornais diferentes, que abordam o mesmo tema: a imigração de venezuelanos para o Brasil. Essa seleção foi feita para que possamos observar e comparar as diferentes formas de construção dos títulos, além de permitir analisar como os enquadramentos sobre o mesmo tema são feitos de forma distinta, ademais observar que a ativação de diferentes representações sociais, armazenadas nas memórias, são buscadas por esses canais midiáticos para a construção de efeitos de sentido. Vejamos os títulos propostos.

- a) *“A imigração venezuelana em Roraima e o risco da explosão demográfica”*¹³ (Estadão – 20/08/2018)
- b) *“Brasil tem cerca de 30,8 mil imigrantes venezuelanos; somente em 2018 chegaram 10 mil, diz IBGE”*¹⁴ (G1 – 29/08/2018)

¹³ Link de acesso: <https://goo.gl/KPHqXu> (acesso em: 29 nov. 2018).

¹⁴ Link de acesso: <https://goo.gl/ZBDZ5b> (acesso em: 29 nov. 2018).

c) “*Brasil acolhe mais de 30 mil imigrantes crianças e adolescentes*”¹⁵ (Carta Capital – 14/09/2018)

Todas as notícias datam de agosto e setembro de 2018 e têm como intenção explícita relatar fatos sobre fluxos migratórios para o Brasil. Inicia-se a análise das estratégias de enquadramento visando relacioná-las às memórias ativadas seguindo a ordem apresentada anteriormente e, posteriormente, elabora-se uma rápida análise contrastiva dos três títulos. No primeiro título, o enquadramento pela tematização nos permite observar que o enunciador leva o leitor a problematizar sobre as relações entre a imigração e a explosão demográfica. Chama a atenção como a tematização recorre à memória de curto prazo dos leitores para estabelecer uma interpretação negativa do fato, através da utilização das palavras “risco” e “explosão”, cuja semântica remete imediatamente a acontecimentos negativos. Adicionalmente, o enunciador estabelece, pelo uso da conjunção aditiva “e”, que existe uma relação direta entre as palavras “venezuelanos”, “risco” e “explosão” que traz consequências negativas para o país, dentre eles um crescimento populacional descontrolado.

A disposição desses termos também é de extrema importância para o enquadramento pela tematização. Observemos que expor no primeiro plano a informação “imigrantes venezuelanos” faz com a atenção do leitorado seja fixada nisso, pois os pacotes de conhecimentos sobre esse tema serão ativados e, uma vez feito isso, a leitura do público estará direcionada para este eixo do título. Assim, representações sociais, presentes na memória de longo prazo, sobre imigrações de Haitianos, Bolivianos, Venezuelanos e sobre a Venezuela serão acionadas. Cabe ressaltar que no Brasil vem sendo construído, pelas grandes mídias tradicionais, evangélicas e governantes de extrema-direita, um imaginário popular com preconceções negativas e preconceituosas em relação a esse país e sua população. É interessante notar que o enunciador estabelece o enquadramento pela designação como um complemento ao temático a partir da construção “a imigração venezuelana”, ou seja, os riscos não são trazidos por quaisquer outros fluxos migratórios que chegam ao Brasil, tais como angolanos, bolivianos ou haitianos, mas sim por essa migração específica que acaba por ser designada como provedora de riscos à nação.

O segundo título tem objetivo similar ao primeiro, informar sobre a chegada de venezuelanos no Brasil, no entanto, se baseia em dados numéricos do IBGE, o que lhe confere, à primeira vista, um caráter objetivo. Porém, aprofundando em sua dimensão argumentativa, podemos verificar índices discursivos que demonstram estratégias que orientam a leitura do

¹⁵ Link de acesso: <https://goo.gl/efVgJz> (acesso em: 29 nov. 2018).

público para o viés do enunciador. A começar pela tematização, a estrutura do título visa a limitar a leitura do público aos números apresentados como se fossem cifras impactantes para o país, “30,8 mil” e “10 mil” venezuelanos¹⁶. Essa apresentação dos dados é feita conscientemente, visto que, se a apresentação fosse feita em porcentagem em relação à população total brasileira, o número não representaria 0,3% de habitantes nesse território, ou seja, pode-se afirmar que o enunciador orienta a leitura em direção à sensação de excesso de imigrantes.

Um índice discursivo que dá suporte a isso é a utilização do advérbio “somente” que é feita para levar o público a interpretar que “10 mil” em um período de 12 meses é um número exacerbado, o que provoca representações que são imediatamente acionadas na memória de curto prazo dos indivíduos. Além de “somente”, há mais duas palavras bastante importantes que merecem destaque na tematização, pois ativam representações sociais imediatas, são elas: “Brasil” e “tem”. O substantivo próprio “Brasil”, em primeiro plano, é utilizado como estratégia para estabelecer os limites do discutível e colocar o país e os brasileiros no centro da discussão e silenciar possíveis causas dessa imigração. Além disso, o enunciador visa a tocar os sentimentos nacionalistas do leitorado que se verá envolvido pelo termo Brasil e, conseqüentemente, é afetado de alguma maneira por esses números. A escolha do verbo “ter” também não se faz sem intenções, reparemos que ele é seguido do número de imigrantes, pois, dessa forma, impõe o Brasil como possuidor e portador de vínculo com essas pessoas, ademais esse verbo não implica, necessariamente, intenção de seu agente (pode-se ter uma doença, uma dívida, um acidente etc.); isso, somado ao senso comum que tem sido construído no Brasil, pode levar o leitorado a problematizar se o país deve “ter esses imigrantes” em seu território. Por fim, a designação segue a toada do primeiro título utilizando o adjetivo pátrio “venezuelano” que, para não ser repetitivo, já foi tratado anteriormente neste trabalho.

O último título apresenta estrutura bastante similar ao anterior, no entanto, apresenta índices discursivos que permitem afirmar que há diversas diferenças entre os dois, principalmente no que tange à dimensão argumentativa e aos efeitos de sentido evocados pelos enquadramentos e pelas memórias acionadas. A tematização feita pela enunciativa estabelece um viés distinto dos anteriores, a problematização agora consiste em refletir sobre o papel do Brasil enquanto pátria acolhedora de imigrantes, deixando em segundo plano possíveis conseqüências negativas trazidas por fluxos migratórios. Além disso, não há nenhum povo

¹⁶ Nota-se aqui um enquadramento por quantificação que não foi o foco tratado neste trabalho, mas que não deve ser apagado em futuras análises.

imigrante no foco da notícia, o que permite inferir que há distintos povos migrando para o Brasil e não apenas venezuelanos como era exposto nos títulos anteriores.

Esse distanciamento da imigração em direção ao país como exclusiva do povo venezuelano promove um afastamento dos sentidos comuns que vem sendo criados no Brasil. Podemos observar que o nome do país “Brasil” também é apresentado em primeiro plano e ativa sentimentos nacionalistas em relação a ele, mas, ao contrário do título anterior, ele serve para que o leitorado se veja envolvido como integrante de uma nação acolhedora que se preocupa com os imigrantes. A escolha lexical pelo verbo “acolher” confere ao país o papel de agente de um verbo cuja semântica remete a significados positivos que serão acionados imediatamente na memória de curto prazo do leitor.

Ademais, o público pode ser levado a pensar que o país exerce ajuda humanitária para povos imigrantes. Quanto à cifra numérica apresentada, ao contrário das anteriores, ela não serve como um dado alarmante que beira o exagero. Neste título ela é usada para agregar intensidade ao verbo acolher, além disso, pela construção da oração, a dimensão argumentativa não permite inferir que há mais imigrantes e, dentre eles, estão 30 mil crianças e adolescentes, o que confere a sensação de exagero e, conseqüentemente de alerta, sobre o número de pessoas dessa faixa etária abrigadas pelo Brasil. Pode-se dizer, inclusive, que há um viés mais preocupado com o bem-estar social que com dados numéricos.

Por fim, uma estratégia bastante evidente neste título é a busca por atingir o sentimento do público alvo ao designar os imigrantes enquanto crianças e adolescentes, o que amplia o debate da responsabilidade do país com relação a essas pessoas em território nacional.

Numa breve comparação dos títulos propostos, podemos apontar que há uma mudança bastante evidente com relação à orientação das leituras de seus públicos. Nos dois primeiros, os enunciadores estabelecem que a migração é um problema a ser enfrentado pelo Brasil, o que fica evidenciado pelas escolhas lexicais e a utilização de dados numéricos expostos de maneira alarmante. Ademais, o país é posto numa posição passiva de vítima dessa imigração, um lugar que pode enfrentar más conseqüências e sua população será afetada de formas negativas. Em contrapartida, o último apresenta o país como agente proativo e com responsabilidade social com relação aos fluxos migratórios.

Conclusão

Neste trabalho, buscou-se apresentar de forma panorâmica como a manipulação da leitura do público de determinado veículo de informação pode ser exercida a partir de títulos de notícias. Elaboramos uma breve revisão sobre os conceitos de enquadramentos e das memórias de curto e longo prazo, de modo a relacioná-los com o conceito de dimensão argumentativa e manipulação.

Apresentamos também algumas das estratégias que são utilizadas por enunciadores para orientar a visão de seu público na direção em que deseja. Reiteramos que a intenção não foi esgotar o tema, mas sim apontar algumas das estratégias que podemos perceber mais facilmente em leituras de títulos. Foram propostas breves análises de três títulos de notícias publicadas em contexto brasileiro sobre um mesmo tema e estas se mostram importantes para exemplificar as teorias exploradas neste artigo, porém não são estanques; as conclusões desprendidas são apenas algumas dentre várias outras que podem ser feitas segundo o referencial teórico que se assume. No entanto, foi possível observar como os enunciadores elaboram seus títulos de modo a mobilizar diferentes representações sociais e afiliações ideológicas (memórias) de seu leitorado através de índices discursivos e estratégias de enquadramento que permitem desvendar a dimensão argumentativa. Para futuros trabalhos, torna-se interessante explicitar e analisar os vieses ideológicos de cada Jornal, assim como suas possíveis afiliações políticas, religiosas e econômicas já que esses eixos podem esclarecer as escolhas feitas na construção de títulos.

Referências

AMOSSY, R. O lugar da argumentação na análise do discurso: abordagens e desafios contemporâneos. **Filologia e linguística portuguesa**, n. 9, p. 121-146, 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59776>>. Acesso em: 7 fev. 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i9p121-146>

BLOWER, A. P.; FERREIRA, P. Feministas brasileiras comemoram decisão sobre aborto na Argentina. **O Globo**, 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/6rHK72>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CUNHA, P. Trabalho informal aparece como saída ao desemprego. **O Imparcial**, 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/MDVreC>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

EMEDIATO, W. A construção da opinião na mídia: argumentação e dimensão argumentativa. In: EMEDIATO, W. (Org.). **A construção da opinião na mídia**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, Núcleo da Análise do Discurso, 2013, p. 69-103.

ESCUADERO, I. Las inferencias en la comprensión lectora: una ventana hacia los procesos cognitivos en segundas lenguas. **Revista Nebrija de Lingüística Aplicada**. A La Enseñanza de Lenguas, Nebrija, n. 7, p. 1-20, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/dt20Kj>>. Acesso em: 22 jan. 2017.

FORUM. Eduardo Bolsonaro propõe congelamento de bens de cubanos e venezuelanos. 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/SEBq44>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

ISTO é Dinheiro. Desemprego diminui para 12,1% e atinge 12,7 milhões de brasileiros. 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/Qumptk>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

LEÓN, J. A. Una introducción a los procesos de inferencias en la comprensión del discurso escrito. In: LEÓN, J. A. **Conocimiento y discurso**: claves para inferir y comprender. Madrid: Piramide, 2003, cap. 1, p. 23-45.

MARIA, A. Brasil acolhe mais de 30 mil imigrantes crianças e adolescentes. **Carta Capital**, 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/efVgJz>>. Acesso em: 29 nov. 2018.

MELANO, I. Ceia de Natal fica mais "salgada", segundo pesquisa. **O Tempo**, 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/utQ8Jx>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

NARLOCH, L. Mito: “Os adolescentes cometem menos de 1% dos homicídios do Brasil e são 36% das vítimas”. **Veja**, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/E1mnQd>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

OLIVEIRA, J. Gênero e sexualidade: entenda polêmica que opõe pais e o Colégio Santo Agostinho. **Estado de Minas**, 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/F3XCCU>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

PEREIRA, A. P. S. A imigração venezuelana em Roraima e o risco da explosão demográfica. **Estadão**, 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/KPHqxu>>. Acesso em: 29 nov. 2018.

PORTAL G1. Menores têm ligação com 40% dos homicídios do DF, mostram dados. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/4GXoZg>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

ROXO, S. Punição de menor por crime dura menos tempo no Brasil. **O Globo**, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/MP5V9b>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

SILVEIRA, D. Brasil tem cerca de 30,8 mil imigrantes venezuelanos; somente em 2018 chegaram 10 mil, diz IBGE. **G1**, 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/ZBDZ5b>>. Acesso em: 29 nov. 2018.

SOUZA, A. Cerca de 70% dos casos de desvio de dinheiro ocorrem nas áreas de Educação e Saúde, diz diretor da AGU. **O Globo**, 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/AgfXiF>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

TRABASSO, T; MAGLIANO, J. P. Conscious understanding during comprehension. **Discourse Processes**, [s. l.], v. 21, n. 3, p. 255-287, maio 1996. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/01638539609544959>.

VAN DIJK, T. **Discurso y Poder**. Barcelona: Editorial Gedisa S.A., 2009.

Recebido em: 16 de maio de 2022

Aceito em: 30 de dezembro de 2022